

## DOSTOIÉVSKI E NIETZSCHE E A SUPERAÇÃO DO RESENTIMENTO COMO ASSUNÇÃO DO ALÉM DO HOMEM

[DOSTOEVSKY AND NIETZSCHE AND THE OVERCOMING OF RESENTMENT AS AN ASSUMPTION OF THE BEYOND OF MAN]

Wesley Barbosa \*

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

**RESUMO:** A superação do homem no além do homem é vislumbrada em Dostoiévski e em Nietzsche, de *Memórias do Subsolo* e sua tradução filosófica *Genealogia da moral*, a *O Idiota* e as considerações de *O Anticristo*. A criança reverbera um traço de superação do ressentimento incorporando, filosoficamente literariamente, uma lida com a vida intensificada de leveza e vigor, completamente pronta, sem pretensões além-mundo ou profissões de fé. A beatitude de Jesus ganha contorno quando sua infantilidade como entrega ao presente consubstancia sua redenção como apego e amor aos homens. O amor como prática do perdão só é possível quando o ressentimento deixou de ser a marca mais atuante da vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** ressentimento, cristianismo, criança, homem e além do homem.

**ABSTRACT:** The overcoming of man in the beyond of man is glimpsed in Dostoevsky and Nietzsche, from *Memoirs of the Underground* and its philosophical translation *Genealogia da Moral*, to *The Idiot* and the considerations of *The Antichrist*. The child reverberates a trait of overcoming resentment, incorporating, philosophically literarily, a deal with life intensified with lightness and vigor, completely ready, without pretensions beyond the world or professions of faith. The beatitude of Jesus takes shape when his childishness as surrender to the present embodies his redemption as attachment and love to men. Love as a practice of forgiveness is only possible when resentment is no longer the most active mark of life.

**KEYWORDS:** resentment, christianity, child, man and beyond man.

A polêmica levantada por Nietzsche em sua *Genealogia da Moral* sobre o ressentimento e a inversão dos valores morais, uma interpretação que tem suas limitações no que concerne a testá-la factualmente, nos parece bastante atual e, portanto, eminentemente oportuna<sup>1</sup>. O ódio, a vingança, o ficar remoendo-se de inveja diante da glória do outro, pois não se é capaz de ir à luta para transformar a vida em algo esplêndido e magnânimo; a mesquinharia de um ciúme por causa de uma inclusão pífia de uns poucos sujeitos no mercado de consumo; a ignorância intelectual e a impotência corpóreo-psicológica para ir à guerra e conquistar os espólios pela força e saúde dos guerreiros; a pequenez dos ínfimos que se veem como grandes e sábios; esta atualidade, estes tempos de intensa mediocridade amplificam a obra de Nietzsche, não como a comprovar empiricamente seus argumentos, mas como a exibir de forma caricata, jocosa e eloquente as pistas lançadas pelo filósofo, amplifica no sentido de uma música mais

\* Doutorando em filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia - PPGFIL da Universidade Federal do Espírito Santo, UFES. Doutorando em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia PPGP da Universidade Federal Fluminense. E-mail: [wesleydejesusbarbosa1980@gmail.com](mailto:wesleydejesusbarbosa1980@gmail.com)

alta que já não é mais possível não ouvir. “ – ‘ Eu nada vejo, mas por isso ouço muito bem. É um cochichar e sussurrar cauteloso, sonso, manso, vindo de todos os cantos e quinas. Parece-me que mentem; uma suavidade visguenta escorre de cada som. A fraqueza é mentirosamente mudada em mérito, não há dúvida – é como você disse’-” (NIETZSCHE, 2008, P. 38).<sup>2</sup> O homem moralizado, com todas as pinceladas, todos os acordes e timbres, todas as formas e contornos, esta aí, exibindo sua decadência para constatação de qualquer olho capaz de ver minimamente alguns limites.

O fato desta atualidade ser tão exuberante não traduz Nietzsche como um mago ou adivinho, sua leitura de seu tempo histórico acerta os ponteiros de uma era a qual ainda não a superamos, somos filhos do ressentimento. “Antes direi ao ouvido dos psicólogos, supondo que desejem algum dia estudar de perto o ressentimento: hoje esta planta floresce do modo mais esplêndido entre os anarquistas e antissemítas, aliás onde sempre floresceu, na sombra, como a violeta, embora com outro cheiro.”(NIETZSCHE, 2008, P. 62).<sup>3</sup> Os destemidos guerreiros, ávidos por aventuras, completamente prontos para a vida, se perderam quando da vitória do sacerdote judeu. A cada passo desta trama, desta esperteza, dos fisiologicamente obstruídos, se moralizou o homem, a ponto dele temer o futuro, não para deste medo recrutar de seu corpo toda a força e saúde e desferir seu grito de glória numa luta real no campo aberto da própria existência; o temor do fraco direciona-se ao além-mundo, a Deus e ao inferno, sua guerra é contra conceitos ardilosos e impossíveis de ser vencidos. O olhar clínico de Nietzsche se permitiu ver os grandes alicerces desta humanidade doente e decaída, suas lentes de filólogo e fisiologista abriram de uma vez por todas, a ferida moral, sempre infeccionada, alimentada a cada dia com mais germes de podridão pelo sacerdote.

Como a doença é da essência do cristianismo, também o típico estado cristão, a fê, tem de ser uma forma de doença, todos os caminhos retos, honestos, científicos para o conhecimento têm de ser rejeitados como caminhos proibidos pela Igreja. (...) O pietista, o sacerdote de ambos os sexos, é falso porque é doente: seu instinto exige que em nenhum ponto a verdade obtenha seu direito.(NIETZSCHE, 2007, p. 63).<sup>4</sup>

As considerações nietzschianas não se deram como um acontecimento no vácuo, como um pensador dos novecentos, não é de se duvidar que tenha sido influenciado pela maiúscula e diversificada produção intelectual daquele século e, evidente, dos tempos anteriores. Uma porção dos leitores de Nietzsche apostam numa influência significativa dos autores russos, em especial, Tolstoi e Dostoiévski.

Não há dúvidas de que Nietzsche foi um pensador genial. Isso, porém, não significa que ele tenha inventado todos os elementos que utiliza em sua filosofia ou desenvolvido suas ideias de forma autóctone. Antes, para a construção de seu pensamento, ele lança mão daquilo que a filosofia, a ciência, a literatura e outras formas de expressão da cultura da época colocam à sua disposição.(PASCHOAL, 2010, p. 200.)

Neste sentido, é verossímil considerar que as similitudes entre as obras *Genealogia da Moral* de Nietzsche e *Memórias do Subsolo* de Dostoiévski, assim como, *O Anticristo* e *O Idiota*, não são triviais e alguns autores vão confirmar a influência do russo sobre o alemão. A psicologia de Dostoiévski consegue dar pistas de problemas filosóficos interessantes ao trabalho nietzschiano. A descoberta de Dostoiévski significou uma intensificação do pensamento do alemão, no sentido de que o pensamento russo, escondido no texto literário, promove uma transformação existencial no leitor, pois o convoca a restituir sua humanidade chocando-o com temas duros como o debate político dos novecentos no que concerne ao absolutismo da família Romanov, a justiça, a liberdade, o heroísmo russo, a miséria social, a arte, a vida, a história, o mal, a

beleza; porém, em especial, em Dostoiévski, vê-se o leitor confrontado com a sua humanidade mais bárbara e torpe, com sua própria miséria psicológica. É possível especular um Nietzsche completamente embriagado de êxtase com a leitura do russo, tanto por sua estética, o estilo dostoiévskiano é soberbo, quanto por suas reflexões psicológicas profundamente enriquecedoras e perturbadoras. Dostoiévski devolve ao leitor a nossa dor.

Mais ainda, é preciso reconhecer que o “valioso material psicológico” (KSB VIII, p. 483) que Nietzsche identifica no livro *L'espritsouerrain*, ao ser utilizado em seus escritos, entra em associação com várias peculiaridades do seu modo próprio de fazer filosofia, dentre as quais destacamos: primeiro, que nos seus escritos não são encontrados indivíduos concretos ou personagens, como no caso dos livros de Dostoiévski, mas *tipos de homem*, e segundo, que Nietzsche acentua a correlação entre psicologia e *fisiologia*, já perceptível em Dostoiévski. (PASCHOAL, 2010, p. 213.)

Importante salientar que os *Tipos* desenvolvidos por Nietzsche são um recurso que funcionam como uma lente de aumento na qual ampliaria a imagem para se ver melhor. Expressa formas de vida, modos psicológicos de estar no mundo. Tem a dimensão de estacionar o que é sempre travessia, para enquanto puder manter-se fixo termos um grão de análise. “Se do ponto de vista de sua criação um tipo corresponde a uma obra de arte, do ponto de vista de seu uso ele corresponde a uma semiótica, um modo de comunicação que momentaneamente estabiliza um fenômeno, por si fluido, com o intuito de facilitar a sua compreensão.” (PASCHOAL, 2010, p. 214.) O tipo ressentido, o tipo Jesus, o tipo Zaratustra, o tipo homem, o além-do-homem, essas não são imagens que em si mesmas reais no sentido de serem um objeto no qual bastaria ao observador analítico acessá-lo com um método coerente para descrever sua essência e suas vicissitudes. O tipo não é uma substância, nem um recurso para vislumbrar uma verdade transcendental, o tipo é um recurso analítico estético que vai ao mundo explicá-lo, mas o faz revigorando na forma textual, a vida. Logo, no tipo surgem as zombarias, os deboches, a acidez, a poesia.

Como um modo de comunicação, ele é também um instrumento de trabalho que, tendo em vista a própria precariedade das formas de vida e o caráter passageiro de todo acontecer (KSA X, 644), se apresenta como um meio para a manutenção [*erhaltungsmittel*] (KSA XI, 219) de uma hipótese pelo tempo suficiente para ela atuar num determinado jogo. (PASCHOAL, 2010, p. 214.)

Deste modo, os tipos psicológicos de Nietzsche e as personagens dostoiévskianas combinam, se articulam, intertextualizam. Aproximá-los, os ler juntos, enriquece os sentidos, aprofundam a pesquisa, desmascaram os semblantes velados de um mundo hipócrita demais com sua moralização dos costumes. Assim, “(...)um *tipo de homem*, este corresponde à caracterização de um perfil psicológico que, no seu extremo, ganha contornos de máscara ou de caricatura.” (PASCHOAL, 2010, p. 214.) O homem de consciência hipertrofiada é uma destas personagens caricatas de Dostoiévski na qual o exagero é tão absurdo que o fenômeno evidencia-se límpido.

O problema da hipertrofia da consciência é elencado pelos autores. O homem de consciência hipertrofiada é produto da vitória dos escravos sobre os senhores. A maquinação, o planejamento, a revolta subterrânea dos néscios e rastejantes contra toda a altura deu-se por sua capacidade de elaborar dentro de si os mais fantasiosos raciocínios. Sua força não é ativa, mas reativa, pois ao invés de liberar seu *quantum* de energia para fora, o interiorizam, por medrosos que são, pensam demais nas consequências, atrofiaram os instintos, temem o futuro, hipertrofiaram a consciência.

“(…) ele entende do silêncio, do não-esquecimento, da espera, do momentâneo apequenamento e da humilhação própria. Uma raça de tais homens do ressentimento resultará necessariamente mais inteligente que qualquer raça nobre, e venerará a inteligência numa medida muito maior(…)”(NIETZSCHE, 2008, P. 30.)<sup>5</sup>. Este animal bilioso não esquece, vive atormentado por lembranças, por coisinhas pequeninas de um passado já esquecido e empoeirado, quer vingança. “Vale dizer, ele não consegue esquecer as desditas sofridas e livrar-se do rancor e da sede de vingança.”(PASCHOAL, 2010, p. 211.) Nietzsche explica o surgimento deste homem em sua *Genealogia* descrevendo as artimanhas do sacerdote judeu e cristão e os seus caminhos nebulosos: o contrato credor devedor, a espiritualização da dívida, o Paulo falsário e a Igreja. Pois,

(…) é na medida em que fornece material para a caracterização daquele tipo de homem que Dostoiévski se apresenta como uma fonte para Nietzsche e que podem ser indicados pontos de semelhança entre o “homem de consciência hipertrofiada” e o “homem do ressentimento”. (PASCHOAL, 2010, p. 215.)

Dostoiévski narra a história de um homem doente nas *Memórias do Subsolo*. A novela, contada em primeira pessoa, começa com: “Sou um homem doente... Um homem mau. Um homem desagradável.”(DOSTÓIEVSKI, 2017, p. 15.) O narrador expõe a sua pequenez, como é um sujeito insignificante, fala as proezas que deixou de realizar, o emprego que o atormenta o tempo todo, mas não toma nenhuma atitude para sair dali, fazer outra coisa. Demonstra-se sempre um fracassado e invejoso. Precisa de sempre se comparar aos outros e compreende que os outros são maiores e ativos, felizes e bem-sucedidos. Enquanto ele, não conseguiu nada e vive num lugar muito aquém do que mereceria. Dostoiévski consegue traduzir o quadro psicológico deste sujeito *decadent* de forma muito original e singular.

Naturalmente, resta-lhe sacudir-lhe a patinha em relação a tudo e, com um sorriso de fictício desprezo, no qual ele mesmo não acredita, esgueirar-se vergonhosamente para a sua fendazinha. Ali, no seu ignóbil e fétido subsolo, o nosso camundongo, ofendido, machucado, coberto de zombarias, imerge logo num rancor frígido, envenenado e, sobretudo, sempiterno. Há de lembrar, quarenta anos seguidos, a sua ofensa, até os derradeiros e mais vergonhosos pormenores; e cada vez acrescentará por sua conta novos pormenores, ainda mais vergonhosos, zombando maldosamente de si mesmo e irritando-se com a sua própria imaginação. Ele próprio se envergonhará dessa imaginação, mas, assim mesmo, tudo lembrará, tudo examinará, e há de inventar sobre si mesmo fatos inverossímeis, com o pretexto de que também estes poderiam ter ocorrido, e nada perdoará. Possivelmente, começará a vingar-se, mas de certo modo interrompido, com miuçalhas, por trás do fogão, incógnito, não acreditando no direito nem no êxito da vingança e sabendo de antemão que todas essas tentativas de vindita não fazê-lo sofrer cem vezes mais que ao objeto da sua vingança, pois este talvez não precise sequer coçar-se. (DOSTÓIEVSKI, 2017, p. 23.)

E assim segue o homem do ressentimento, envenenando-se, elaborando nesta consciência imensa uma reparação, um acerto de contas. Ele não esquece, é escravo da memória, uma memória que se infla, cresce. “Todos os instintos que não se descarregam para fora *voltam-se para dentro* – isto é o que chamo de *interiorização do homem*: é assim que no homem cresce o que depois se denomina sua alma.”(NIETZSCHE, 2008, P. 73.)<sup>6</sup>. Este animal moribundo já não reage, mantêm-se de uma forma circunspecta e sorridente para os outros, mas internamente encontra-se apodrecido e sem forças para superar a doença e dar outro contorno a vida. O veneno que o contamina o impede de ser de outro jeito e na rigidez de suas conjecturas vive a inveja, o ressentimento e a vingança como sofrimentos de uma existência cruel e injusta. “Tem-se, portanto, no

livro de Dostoiévski, a descrição de um homem fraco que se vê enredado num círculo vicioso, pois a mesma fraqueza que o levou ao acúmulo de veneno o impede de livrar-se dele.” (PASCHOAL, 2010, p. 212.) O homem de consciência hipertrofiada é o homem do ressentimento, o sacerdote judeu e cristão, esse homem decadente e fraco, o escravo. Enquanto o homem de hipoconsciência é o nobre, o sujeito que esquece, os fisiologicamente saudáveis, os cavaleiros de elevada estirpe senhorial.

É também no contexto de tal ampliação e ressignificação que Nietzsche vai referir-se ao esquecimento como o resultado de um excedente de uma “força plástica, remodeladora [e] regeneradora”, própria das naturezas fortes e plenas, como um fator que permite a esse homem sacudir para longe de si “muitos vermes que em outros, ao contrário, se enterrariam”(NIETZSCHE, 2008, P. 73.).(PASCHOAL, 2010, p. 217.)<sup>7</sup>

O autor das *Memórias* continua sua narrativa decadente, conta que uma vez encontrara-se com uns amigos do colégio, que iam armar uma farra e se divertir porque Zvierkóv iria mudar de cidade, pois tinha conseguido uma ascensão profissional. Porém, ele, que desde o colégio era um ressentido, que vivia pelos cantos matutando sua derrota social, não seria bem-vindo. Todavia, se convidou! Queria demonstrar como encontrava-se bem melhor que eles, porém o que ocorria era que eles constituíam-se muito mais altivos e ricos, bem-sucedidos. Ele, por inveja, comparava-se a eles tentando aparentar uma condição distinta. Como pobre não detinha o dinheiro para a bebedeira e como necessitava mostrar uma condição social outra maquinou por pedir um adiantamento ou um empréstimo, uma situação humilhante. Mostrava-se ansioso pelo dia, lembrava como odiava a escola e aquelas pessoas, como zombavam dele, como o faziam sentir-se alguém que não pertencia àquele grupo. Planejava as palavras, como se portar, idealizava as reações, imaginava-se portando-se altivamente, olhando de cima para aqueles vermes rastejantes.

Dostoiévski penetra no tipo psicológico do ressentido de uma forma incomparável. A narrativa em primeira pessoa, sem um nome que pudesse identificar quem quer que fosse, talvez, dê o tom de suas intenções, haja vista, desmascarar isto que nos tornamos quando da inversão dos valores morais. Um tipo completamente doente, impotente, mórbido. Dostoiévski não fala de um homem qualquer, anônimo, sem qualquer similitude com a humanidade decaída, ele escancara o homem a uma imagem escandalosamente grande para se ver e sentir. Não é estranho que Nietzsche tenha se referido a ele como o grande psicólogo, “o único psicólogo o qual se tem algo a aprender”.

(...) Dostoiévski, por sua agudeza psicológica, é capaz de até mesmo descrever as reações psicossomáticas que a erupção do ressentimento causa nessa pessoa atormentada, incapaz de dar vazão aos seus impetus rancorosos e vingativos. (BITTENCOURT, 2011, p. 74.)

O homem de consciência hipertrofiada não é, apenas, reativo. Seria cruelmente injusto reduzir o homem a uma ou duas condições psicológicas, ele é uma multiplicidade, um emaranhado de coisas, uma justaposição de diversos eventos, fenômenos sempre em disputa, pois a vida pulula neste corpo subjugado pela consciência. Corpo e consciência são uma unidade, a consciência não impõe ao corpo sua vontade, o corpo é vontade da consciência que é, pois “certamente tanto as virtudes do corpo como as da consciência poderiam conviver entrelaçadas nas disposições de ânimo de um indivíduo”.(BITTENCOURT, 2011, p. 76.) A força reativa do ressentimento convive em disputa com a força ativa. Entretanto, a inversão dos valores morais conduziu ao sujeito uma predominância da força reativa, assim como da

consciência em relação ao corpo. Ou seja, a força direcionada para fora como demonstração da vontade de poder de uma vida plena e pulsante inverteu-se para dentro tomando posse de uma condição fisiológica degenerada.

O sacerdote ascético é a encarnação do desejo de ser outro, de ser-estar em outro lugar, é o mais alto grau desse desejo, sua verdadeira febre e paixão: mas precisamente o poder de seu desejo é o grilhão que o prende aqui; precisamente por isso ele se torna o instrumento que deve trabalhar para a criação de condições mais propícias para o ser-aqui e o ser-homem – precisamente com este *poder* ele mantém apegado à vida todo o rebanho de malogrados, desgraçados, deformados, sofredores de toda espécie, ao colocar-se instintivamente à sua frente como pastor. Já me entenderam: este sacerdote ascético, este aparente inimigo da vida, este negador – ele exatamente esta entre as grandes potências *conservadoras* e *afirmadoras da vida*...(NIETZSCHE, 2008, P. 110.)<sup>8</sup>

Assim, mesmo o protagonista da novela dostoievskiana não é só isso, um verme, um inseto. Uma forma abjeta e mesquinha de vida, outras disposições de humor encontram-se permanentemente dispostas no protagonista da novela.

É importante esclarecer, todavia, que a questão da potência e da fraqueza no âmbito da conjugação das forças vitais do ser humano, no contexto da interpretação nietzschiana, não se fundamenta segundo princípios axiológicos estanques: uma pessoa contém na sua afetividade tanto as disposições ativas (fortes e assimiladoras de vivências) como as reativas (virulentas e depressivas), sendo “nobre” quando consegue fazer prevalecer as suas disposições ativas, e sendo “fraca” quando são as disposições reativas que coordenam as suas valorações pessoais.(BITTENCOURT, 2011, p. 78.)

Por exemplo, o narrador personagem, tantas páginas de suas memórias, lamentando-se, remoendo, se envenenando, palavra após palavra mostrando o seu mais fundo ódio, a sua mais profunda inveja, a sua mais intransigente decadência e impotência; ele, logo ele, o qual nada poderíamos esperar, a não ser reação, demonstra afetos verdadeiramente ativos, dir-se-ia até leves e alegres. Logo após sua humilhante bebedeira, procura a esmo, a deriva na rua, outro lugar no qual pudesse terminar aquela desagradável noite. Com a prostituta, a humilhou, tentou retirar-lhe a sua dignidade, quis se fazer senhor para se vingar. Porém, enquanto conversavam sobre casamento e família, e as crianças, o amor que ali se nutria, algo de não ressentido, de uma força que direciona-se para fora, com alguma jovialidade, emergia daquele corpo. “Passará o primeiro amor conjugal, é verdade, mas então chegará um amor ainda melhor. Ambas as almas se unirão, todos os seus interesses serão comuns, e um não terá qualquer segredo para com o outro.”(DOSTÓIEVSKI, 2017, p. 112.) Explanava com carinho, com uma certa doçura, achava graça da vida. É verdade que ela constata que aquilo se assemelhava a um livro que ele teria lido, “- É que você... fala como se estivesse lendo um livro.”(DOSTÓIEVSKI, 2017, p. 113.), e a hipótese não é absurda! Mas não dá para anular o valor ativo e cativante como ele descrevia os aspectos de uma vida feliz, em família. Talvez, seu desejo mais pessoal, que impotente como era, nunca tenha tentado essa tal felicidade. Todavia, o relato, seja por quais motivos fossem, corrobora com Bittencourt na tese de que, mesmo rastejantes, alçamos voo, que mesmo uma existência afetadamente reativa, pode ser, e, efetivamente, é, ativa.

Então, até o trabalho dá alegria, e é com alegria também que às vezes se recusa o próprio pão para dá-lo aos filhos. E eles, depois, vão amar-nos por isto, mais tarde. É, pois, para nós próprios que ameihamos. As crianças crescem, e nós sentimos que somos para elas um exemplo, um apoio; e, mesmo que a gente morra, elas não

de trazer consigo, pela vida toda, os nossos sentimentos e as nossas ideias, do modo como as receberam de nós, e serão feitos a nossa imagem e semelhança. Quer dizer que isto é um alto dever. Como é possível, no caso, um pai não se unir mais intimamente à mãe? Dizem alguns que é coisa árdua criar filhos. Mas quem é que o diz? É uma felicidade dos céus! Você gosta de crianças pequenas, Liza? Eu gosto delas terrivelmente. Você sabe... um menino assim, todo rosadinho, a sugar-lhe o seio... E qual o marido que não sente o coração voltar-se para a esposa, vendo-a sentada com o filho dele?! A criança rosadinha, rechonchudinha, revira-se, dengosa, pezinhos e mãozinhas gorduchinhos, uinhas bem limpas, pequenas, tão pequenas que se tornam até engraçadas, e olhinhos que já parecem compreender tudo.(DOSTOIEVSKI, 2017, p. 113.)

Se o fraco tem seus momentos de altivez, de modo similar, o nobre, também tem seus momentos de baixaza. A diferença entre ambos ocorre porque o primeiro, cheio de memória, mesmo no ápice de seu voo de liberdade, tem algo de plúmbeo agarrado ao seu corpo, que o puxa para baixo; mesmo na sua altivez mais jovial, o ressentimento, a culpa, o insistente ter que comparar-se ao outro, o amesquinamento, a negação da vida, o afugentam a golpes de chicote, ranger de dentes e orações de pedido de perdão por culpa de viver esta vida. O nobre em seus momentos de rastejante réptil sofre menos porque esquece, não tem um inferno para temer, nem um juiz celestial para condená-lo por sua felicidade enquanto guerreiro e saltador, seus próprios deuses não distam muito de seu modo de ver o mundo, assim, quando atormentados por esse rebuliço da má consciência, já inventam novas formas de vida, outras aventuras, superam, avançam dia a dia, pois amam a vida, a conquistam passo a passo, minuto a minuto, não porque planejam uma estabilidade que fosse uma felicidade, a vida enquanto força, vontade de poder, é luta, guerra, disputa, devir. “O ‘homem fraco’ não é capaz de assimilar a ideia de que a vida se constitui pela superação dos limites pessoais, sendo contrária a um dos mais vigorosos lemas nietzschianos: ‘Da Escola de Guerra da Vida – o que não me mata me fortalece.’(CI, Máximas e Sátiras, 8.)”(BITTENCOURT, 2011, p. 78.) A felicidade do nobre é ter o que conquistar, espoliar, guerrear, estabilidade é morte e tristeza, ou seja, tempo disponível para modificar a direção vetorial da força para dentro num permanente pensar, planejar, ressentir, ao invés, de lutar, guerrear e superar.

Não podemos esquecer, todavia, que mesmo a tipologia axiológica da “nobreza” também pode vir a sofrer de efeitos do ressentimento na afetividade, mas tal estímulo psíquico é rapidamente assimilado pela estrutura psicofisiológica, favorecendo assim a instigação para a realização de novas experiências, pois a personalidade que estabelece valorações afirmativas é capaz de esquecer os efeitos deletérios das impressões mais turbulentas.(NIETZSCHE, 2008, P. 47.)<sup>9</sup> (BITTENCOURT, 2011, p. 81.)

O narrador d’as *Memórias* é um fraco, ele mesmo se define como tal, sua força é reativa, acumula-se, envenenando todo o corpo, para depois voltar-se para fora, se assim o conseguir. Entretanto, o forte não é, apenas, aquele que impõe pela força os seus designios aos fracos, o poderoso é aquele que consegue enfrentar a altura da vida e sente o peso de gravidade sobre seu corpo; cairá, rastejará na terra quente e seca do deserto da dor, mas de novo, alçará voo; o guerreiro se desgruda do passado, esquece, para emergir futuro; ele se adapta, readapta, retorna, avança, voa, rasteja, é, o que for necessário ser, para realizar a vida enquanto um acontecimento único, a-histórico, incomparável.

Nos termos dessa teoria nietzschiana do ativo e do reativo, forte não é aquele que é capaz de sujeitar o outro pela violência, ou de impor de modo impiedoso e desconsiderado seus apetites de poder, seus interesses. Em sentido próprio, forte é aquele que possui uma força plástica de esquecimento e assimilação mais inteira,

mais organicamente sadia.(GIACÓIA, 2001, p. 84-85.)

O tipo fraco é nascido da inversão dos valores morais, a culpa, o medo, a pequenez diante da vida, deve-se a essa cultura sorrateiramente fabricada pelo sacerdote judeu e cristão. Este homem adoecido foi doutrinado pelo caluniador da vida e como animal de rebanho segue na linha, pelo menos a vista dos outros, a hipocrisia é baluarte desta humanidade, porque teme ser punido e condenado. Se condenado em vida há uma situação vexatória na qual se deve desvencilhar, a vergonha é quase uma sentença de morte, este animal se compara aos outros espécimes de mesma estirpe, não consegue estabelecer um *pathos* da distância e se afirmar como tal, completamente distinto de todo o resto. Se condenado no juízo final, no além-mundo, segundo a mitologia, deverá arcar com as punições de uma eternidade de dor e sofrimento para redenção de sua maldade.

Esse medo exerce grande influência sobre a vida prática do “homem de rebanho”, pois quem aceita seguir os mandamentos morais impostos pela casta religiosa acredita que, se porventura ele infringir as regras estabelecidas, ele terá que prestar contas por essa ação numa dada circunstância.(BITTENCOURT, 2011, p. 83.)

O homem que não esquece foi escravizado pela memória e, portanto, tem dificuldades de vislumbrar novas formas de vida. Prisioneiro do espírito de vingança, nega todo presente em prol de todo passado, sempre numa imaginação doentia, estéril, mortificante. Esquecer não é uma falha neuronal, mas uma ação ativa a qual os processos digestórios do acúmulo de memória levam a um esquecimento, a uma limpeza dos conteúdos pesados e opulentos. Esquecidos, o animal pode realizar novas memórias, ou seja, experimentar novas formas de vida. Esquecer como ato criador, como necessária medida para os corpos saudáveis, para novas valorações. O sujeito que desenvolveu o esquecimento se tornou menos adoecido, menos rancoroso, menos ressentido.

Precisamente este animal que necessita esquecer, no qual esquecer é uma força, uma forma de saúde *forte*, desenvolveu em si uma faculdade oposta, uma memória, com cujo auxílio o esquecimento é suspenso em determinados casos – nos casos em que se deve prometer: não sendo um simples não-mais-poder-livrar-se da impressão uma vez recebida, não a simples indigestão da palavra uma vez empenhada, da qual não conseguimos dar conta, mas sim um ativo não-mais-querer-livra-se, um prosseguir-querendo o já querido, uma verdadeira memória da vontade: (...) (NIETZSCHE, 2008, P. 48.)<sup>10</sup>

O distanciamento saudável do ressentimento levaria a uma não-reação e a um comportamento infantil, no sentido de que a criança não recupera do outrora o sentido de seu presente, não avalia o brincar buscando na regra preestabelecida o valor do certo e do errado como condições para o sorrir, não mede a alegria do instante com o metro do rancor reativo, para a criança o mundo é sempre criação, novidade, invenção. Ela esquece! Se permite viver como um espírito livre.

O tema da criança enquanto essa espontaneidade e liberdade é tratado, tanto por Nietzsche quanto por Dostoiévski. Ambos exploram o tema em diferentes momentos de suas obras. Neste trabalho nos atentaremos a como a criança é compreendida dentro destes aspectos do esquecimento, das novas formas de vida, da não reatividade ou da não interiorização da culpa como ressentimento, da força ativa, de um dizer Sim a si mesmo antes de comparar-se aos outros. Ora, se em *Genealogia da Moral e Memórias do Subsolo* o diagnóstico é o de um homem decaído e doente, de moral reativa, n'O Anticristo e n'O Idiota anunciam-se um outro homem, de moral ativa mais atuante, que



esquece, que cria outras formas de vida e, talvez, constituísse a superação do homem. O debate acerca da influência deste livro de Dostoiévski na construção do tipo psicológico do redentor no *Anticristo*, assim como as semelhanças entre o tipo Jesus e o Príncipe Míchkin; a reatividade, o esquecimento e a puerilidade de ambos; e os anseios e nuances do advento de um novo homem serão assuntos nos quais nos dedicaremos na próxima sessão.

#### A AUSÊNCIA DE RESENTIMENTO NA CRIANÇA

O príncipe Míchkin é uma criança, tamanho de adulto, características psicológicas infantis, “estou na casa dos vinte e sete anos, mas acontece que sei como sou uma criança.”(DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 616.) A narrativa demonstra diversos traços dessa infantilidade, tais como: uma forma de sabedoria e de compreensão, próprias, na qual Dostoiévski desenvolverá ao longo de toda a sua obra, um entendimento de Deus e do mundo que os adultos não conseguem acessar; uma bondade intrínseca ao modo de ser infantil; uma personalidade estúpida e imbecil que não dá conta de sua autonomia política e social porque desconhece o mundo dos adultos; uma ingenuidade como traço de uma falta de malícia para com o real. “Míchkin é o indivíduo ‘quase criança’, que não gosta de estar com adultos, com pessoas, com ‘grandes’, vivendo assim em uma ‘inocente menoridade’.”(BITTENCOURT, 2011, p.105.) Uma vida singular, própria, antissocial.

O advento de uma concepção extra-moral como perfil psicológico da infância, que na sua inocência segue o trajeto da vida, sem justificações ou razões, como um devir. Um organismo ainda esquecedor e não ressentido. A criança como o além-do-homem, segundo Renato Nunes Bittencourt, é expressada na imagem desenhada por Dostoiévski no príncipe Míchkin e por Nietzsche no tipo psicológico do Redentor. Pois seus atributos, condenados pelo mundo dos adultos, são precisamente aquilo que o homem deveria perseguir no sentido de alcançar a independência necessária para criar seus próprios valores morais, desatrelando-se das noções judaico-cristãs, assim como das instituições, leis, dogmas.

Talvez as noções mais solenes, em torno das quais sempre se lutou e sofreu, os conceitos de ‘Deus’ e ‘pecado’, não venham a nos parecer mais importantes que um brinquedo ou uma dor de criança para o homem velho – e talvez o ‘velho homem’ necessite então de outro brinquedo e outras dores – ainda criança o bastante, uma eterna criança.<sup>11</sup>

Formando-se assim um espírito livre.

A tipologia simbólica do “Idiota” é a de uma pessoa com traços de inocência e ingenuidade na sua personalidade, incapaz de participar da constituição do sistema normativo da ordem civilizada; sendo “inocente”, o “Idiota” é, portanto, “amoral”, pois a sua axiologia pessoal não se fundamenta em valores normativos de “Bem” ou de “Mal” e tampouco os reconhece como efetivamente existentes. (BITTENCOURT, 2011, p.110.)

O príncipe Míchkin conta sua história na Suíça e como se sentia bem com as crianças, de como se tornou amigo delas e como era feliz. Explica que, inicialmente, as crianças zombavam dele, tacavam pedra, mas com o tempo, conversava com elas, e logo viraram grandes amigos. Não era o adulto que educa os infantes, mas aquele que vive com as crianças uma experiência plena. Com as crianças podia vislumbrar uma alegria *sui generis*, algo inadmissível ao mundo dos adultos. Ora, se o príncipe envolvia-se com

as crianças numa dinâmica da vida que é puro brincar, nenhuma compreensão infantil do mundo passa por outro jogo que não seja o brincar, então o seu universo psicológico observava similitudes com o das crianças. Ele não brinca para entreter as crianças como pais e filhos, ele brinca porque se entende como tal e era feliz assim.

– Lá ... lá havia apenas crianças, e o tempo todo eu estava lá com as crianças, apenas com as crianças. Eram crianças daquela aldeia, toda a tropa que estudava na escola. Não é que eu ensinasse a elas; oh, não, para isso havia lá um mestre-escola, Julie Tibot; eu talvez até ensinasse a elas, mas eu estava mais com elas, e todos os meus quatro anos se passaram assim. Eu não precisava de mais nada. (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 91.)

Ele relata às Iepántchina como a experiência com as crianças lhe era extraordinária. A alegria, o choro, a espontaneidade. A força que direciona-se para fora, num permanente agir, o brincar, que não se ressentia com as diferenças, com o passado ou com a projeção do futuro. A vida é esse fenômeno completamente fluido e aleatório que deslumbra-se neste instante, não há um antes totalitário que imponha o segundo do instante. Ele, o instante, simplesmente, ocorre! Se, é assim, se esquece, se está pronto, para a cada novo segundo ser uma nova experiência e estar na vida numa alegria atemporal intraduzível. As desavenças ocorrem, pois a criança ainda não foi adestrada pelo chicote da norma social, portanto o mundo é ela mesma. Ela afirma sempre um *Sim* a si mesma e se afirma em relação aos outros. O brinquedo é dela e se a sua convicção perspectiva alude o não compartilhamento do mesmo, assim ela o fará. O outro se disporá em luta corporal, berros, socos, puxões de cabelo, para a aquisição do brinquedo. Resolvida a pendência, ao mais forte e destemido ficará o brinquedo. Três minutos depois as duas crianças, de novo, brincam, muitas vezes com o brinquedo motivo da contenda. Novamente amigas! A luta de antes acabou, fora resolvida, a força ativa descarregou-se numa ação e dissipou-se para sempre no mundo. O mundo dos adultos é bem distinto, depois de uma briga, são incapazes de continuar, querem reparação, justificações para o atributo morto há muito tempo na tumba da história. A força ativa, graças à camisa de força social, é redirecionada para dentro, - ao invés de ser desforrada -, envenenando, obstruindo fisiologicamente o corpo. As crianças tem uma certa leveza na lida com a vida, são espíritos livres.

Não sei, mas eu passei a experimentar uma sensação extraordinariamente forte e feliz a cada encontro com aquelas crianças. Eu parava e ria de felicidade, olhando para as suas perninhas curtas, que se deslocavam com rapidez e corriam sem parar, olhava para meninos e meninas correndo juntos, para o seu riso e as suas lágrimas ( porque muitos já tinham conseguido brigar, acabado de chorar, tornar a fazer as pazes e a brincar enquanto corriam da escola para casa), e então eu esquecia toda a melancolia.(DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 99.)

Sendo as crianças isto que são e o príncipe assumindo sua admiração por elas e a sua própria infantilidade, não é de se espantar o descrédito com que foi conduzido o acolhimento de suas falas. Ou seja, o mundo dos adultos silencia as crianças como se elas nada soubessem do que se trata, porém, parece bastante salutar a hipótese de que os adultos, por não compreenderem um mínimo do universo infantil, reagem violentamente tentando aniquilar suas vontades e desejos porque são pouco conscientes, são alienados, estúpidos, ignóbeis, são vontades de uma mente que ou é louca ou precisa ser adestrada pela vara que tortura o corpo reprimindo seus instintos naturais invertendo o sentido da força para dentro, transformando um espírito livre num escravo ressentido, vingativo e doente. O adulto coloniza a infância com sua inveja ressentida. “(...), como irias te casar, quando tu mesmo ainda precisas de babá?”(DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 197.) Assim a

criança ou o príncipe (o idiota como infantilidade) são tratados. O seu discurso não serve, não é entendido como algo que mereça respeito, não tem autonomia sobre si mesmo, porque não sabem o que são, sua consciência, ainda espantando do corpo, não hipertrofiou-se numa memória capaz de dar razão as vontades instintuais. Ser essa espontaneidade é erro para os adultos. Todavia, a criança como um *lunaticozinho* incompreendido pelos adultos, porque é bastante misteriosa, enigmática, às vezes, mágica, é um olho capaz de penetrar a alma adulta com uma sutileza e uma sabedoria inquietantes. Mas esta habilidade não foi uma metáfora qualquer fabricada por Dostoiévski, ele está observando e pensando as crianças. Se for possível a elas falar da forma mais livre, sem que sejam torturadas, se vislumbrará pequeninos sábios psicólogos, tamanha a sua inventividade para atacar o ponto nevrálgico da questão.

O senhor é uma criança completa, príncipe. Não obstante, eu noto que o senhor está sempre me tratando por cima dos ombros como... como uma xícara de porcelana... não é nada, não é nada, não é zango. (...) o senhor é uma criança completa. (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 584.)

As crianças não são boas ou más, elas são vigorosas porque tem a força para suportar a existência, uma existência que para elas é bastante natural. Natural no sentido de animalesca, selvagem, bárbara, corporal. Assim, elas tomam atitudes que aos olhos de um adulto devidamente forjado na moralidade dos costumes, são más ou, em outro momento, são fofinhas. O caso Marie é sintomático! Primeiramente, o príncipe narra como a sua vida estava envolvida com as crianças da escola, como as conheceu e como era feliz. De como deixou de ser hostilizado para depois ser agraciado com a doçura dos pequenos. Do mesmo modo que zombavam dele também zombavam de Marie, uma mulher miserável, que trabalhava em condições quase de escravidão e que supunham ter algum transtorno psiquiátrico. Todavia, acusaram-na de imoralidade e ela fora expulsa da casa da mulher e escorraçada pelos moradores do vilarejo. O príncipe que não suportava a solidão mais premente dos sofrendores injustiçados aproximou-se de Marie e ela teve o seu conforto. As crianças a humilhavam, tacavam coisas nela, mas percebiam, isto não é nem maldade, nem bondade, é uma forma de dispor-se com o outro. Aos poucos, o príncipe conquistava os afetos da menina e contava a história de Marie. Aos poucos, as crianças sentiam pena de Marie e queriam ajudar.

Contei a elas o quanto Marie era infeliz; logo elas deixaram de insultá-la e passaram a afastar-se em silêncio. Pouco a pouco passamos a conversar e eu nada escondia delas; contava-lhes tudo. Elas ouviam com muita curiosidade e logo passaram a ter pena de Marie. Algumas passaram a saldá-la carinhosamente quando a encontravam; lá é hábito as pessoas fazerem reverência e dizerem 'Bom dia' quando se encontram, sejam conhecidas ou não. Imagino como Marie ficou surpresa. Uma vez, duas meninhas arranjaram comida e levaram para ela, entregaram-lhe, vieram me procurar e me contaram. Disseram que Marie havia chorado e que elas agora gostavam muito dela. (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 95.)

Marie, a mais afortunada das almas, pobre, solitária, louca, acusada de promiscuidade, triste, viu-se cercada de crianças, que levavam comida, companhia, alegria. Uma prática gratuita, sincera. As crianças não procuram recompensas no seu cotidiano, é a moralidade dos costumes, o processo de adestramento por Reforço Positivo, que ensina as crianças a buscar retorno material ou discursivo psicológico para suas ações. Conta o príncipe que por pouco ela não enlouquecia de tamanha felicidade.

Marie por pouco não enlouquecia de tamanha e instantânea felicidade; ela nem

chegara a sonhar com tal coisa; ficava acanhada e alegre e, o mais importante, as crianças queriam, principalmente as meninas, correr para ela e lhe dizer que gostavam muito dela e falavam muito a seu respeito.(DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 96.)

Esses encontros aconteciam quase todos os dias depois da escola. Em certo momento proibiram, porque Marie não representaria uma boa amizade para as crianças. Os pequenos iam escondidos e todos se confraternizavam com a exuberância emotiva que simples encontros dotados de singelos e sinceros afetos podem produzir transbordando a vida de sentido e valor. Ninguém lhe dava trabalho e, literalmente, as crianças a alimentavam. Depois arrumou uma fazenda que acompanhava o rebanho, ali lhe arrumaram um lugarzinho para dormir e algumas refeições.

Marie adoeceu. Ela só tinha as crianças e foram elas que cuidaram dela. Todos os dias iam ao quartinho no qual dormia. Faziam rodízio, se organizavam para não deixá-la sozinha. Todas queriam ajudar como podiam. Brincavam ajudando. Tudo aquilo era parte de uma grande cena do brincar que não é uma falsificação do mundo, como se não fosse importante, nem útil. Dispor-se a brincar é retirar a seriedade do mundo do homem de memória hipertrofiada e jogar, tratar a vida como jogo, um jogo de regras que se produzem no próprio processo de jogar, do brincar. As crianças cuidavam de Marie, essa é uma nova forma do jogo, é, talvez, um pouco mais triste e com outras regras, porém não se pode ficar martirizando-se, mortificando-se, lamentando-se porque não se está no pasto brincando ao ar livre. Tem que jogar!

Certa vez ela já não pôde sair de manhã para acompanhar o rebanho e permaneceu em sua casa vazia. As crianças souberam no mesmo instante e quase todas foram visitá-la nesse dia. Ela estava deitada na sua cama sozinha, sozinha. Durante dois dias só as crianças cuidaram dela, corriam para lá e se alternavam (...)(DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 97.)

Marie morreu. Todos na cidade sabiam do seu adoecimento. As mulheres cuidaram dela também e, inclusive, expulsavam as crianças de perto da enferma. Os pequerruchos olhavam da janela, davam “*Bom dia*” a ela. Se ouvia, até se animava um pouco, mas depois caía desanimada. No velório poucos compareceram. As crianças compunham o maior número e o cortejo avançou com o caixão sendo disputado pelas crianças chorando o fim de uma bonita amizade.

E na manhã seguinte aparecem de repente e me dizem que Marie tinha morrido. Aí não foi possível segurar as crianças: elas encheram todo o caixão dela de flores e puseram na cabeça uma coroa. (...), mas quando chegou a hora de levar o caixão, as crianças se precipitaram todas de uma vez para levá-lo elas mesmas.(DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 98.)

A morte não é uma perda de algo que se tem, para as crianças a morte não se justifica como a passagem ao além-mundo, como a estaca do presente demarca o existir infantil, o que se chora é o fim da amizade, o término da brincadeira, o anúncio de um novo jogo com outras regras, novos amigos e uma outra história. As crianças não sabem das invenções mirabolantes e justificadoras dos homens, como Deus, paraíso, inferno, pecado, morte e, portanto, assumem como parte significativa da vida, o aviso de que há um fim que instaura o nada e, logo, vivem essa única existência que se tem certeza que existe.

O tipo Jesus, o Redentor, aquele que anunciou a “boa nova”, o reino de Deus está em nós, no coração, estava mais perto das crianças que dos adultos. Ora, esse cristianismo que nega o cristo, do homem ressentido sequioso por vingança, o tempo todo, uma mortificação, uma falsificação da vida, uma tristeza sem fim, que tem uma

reparação numa outra realidade, esse cristão decadente e doente dista consideravelmente do tipo infantil, alegre, espontâneo, esquecido, ativo, do príncipe Míchkin e de Jesus. Se Jesus assumia os traços de uma criança, com suas vicissitudes mais caras, o Redentor opunha-se ao mundo perverso dos adultos. O cristianismo não entendeu o infantilismo como uma prática crística, mas como tabula rasa na qual dever-se-ia educar na verdadeira fé: a catequese. Assim, o modo de ser das crianças não tem nada a contribuir para uma experiência de vida gigantesca, já que são ignorantes acerca dos conceitos mais duros e transcendentais. No máximo, se elaborou a crença de que as crianças possuem atributos especiais, mágicos, dos quais Deus as usaria para anunciar profecias e cânticos novos, que sua bondade intrínseca é atributo para a construção de arquétipos como anjos, espíritos protetores, santos milagreiros. A mitologia cristã associa as crianças a espécies de anjos loirinhos voando no além-mundo com asinhas e tudo mais. Isso é expresso e permanece na memória popular em grande medida pelas imagens criadas pelos pintores. Dostoiévski, inclusive, pinta, no seu texto, os traços de uma tela que aproxima Jesus do infantilismo, das crianças.

Os pintores pintam Cristo sempre com base nas lendas dos evangelhos; eu o pintaria de modo diferente: eu o pintaria sozinho (...). Eu deixaria com ele apenas uma criancinha pequena. A criancinha brincaria ao lado dele; talvez lhe contasse alguma coisa em sua linguagem de criança, Cristo a escutaria, mas agora caía em meditação; sua mão permaneceria esquecida, involuntariamente na cabeça luminosa da criança.(DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 510.

O reino dos céus é o dos que se assemelham as crianças. Não o reino no além-mundo, mas este reino dos céus como essa experiência crística de amor, privada. O mundo de uma criança é particular, por isso a dificuldade dos adultos de entendê-las acolhendo seu discurso. “14 Disse-lhes Jesus: ‘ deixai vir a mim estas criancinhas e não as impeçais, porque o reino dos céus é para aqueles que lhes assemelham”.(Mt 19,14) Ou seja, essa fé é ingênua, sem artificios teóricos, estudos teológicos ou árduas e longas leituras, é uma vivência singular de contato com Deus, sem intermediários.

(...) o reino dos céus pertence às crianças; a fé que aí se exprime não é uma fé conquistada – ela está aí, existe desde o começo, é como que um infantilismo recuado para o plano espiritual.(NIETZSCHE, 2007, p. 37)<sup>12</sup>

Assim, a superação do homem no além do homem é vislumbrada em Dostoiévski e em Nietzsche, de *Memórias do Subsolo* e sua tradução filosófica *Genealogia da moral*, a *O Idiota* e as considerações de *O Anticristo*. A criança reverbera um traço de superação do ressentimento incorporando, filosófico literariamente, uma lida com a vida intensificada de leveza e vigor, completamente pronta, sem pretensões além mundo ou profissões de fé. A beatitude de Jesus ganha contorno quando sua infantilidade como entrega ao presente consubstancia sua redenção como apego e amor aos homens. O amor como prática do perdão só é possível quando o ressentimento deixou de ser a marca mais atuante da vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tese de Bittencourt sustenta-se no além-do-homem como a criança que Jesus representou, ou seja, sem tato para lidar com os negócios, sem predisposição para reagir, uma vida plena apesar das suas condições instáveis. “A criança evangélica abre suavemente o caminho para a singularidade do homem transvalorado, sem fazer oposições nem estabelecer contendas, sendo a aurora de um porvir de inocência e de

beatidade.”(BITTENCOURT, 2011, p. 111.) A criança é negada pelo sacerdócio, pois este sobrevive pela ameaça e produção de afetos reativos; a criança, outrossim, já se livrou das amarras morais que o sacerdote, perseverantemente, inventou, ou nunca chegou a adquirir tal dor artificial.

Tudo passa a fazer parte de uma grande unidade imanente, permeada pelo espírito de alegria que unifica todos os seres: trata-se da beatitude e da inocência do homem livre do peso do ressentimento e do medo, instrumentos de dominação moral utilizados pela casta sacerdotal cristã.(BITTENCOURT, 2011, p. 464.)

O trabalho buscou traçar um diálogo entre as obras de Dostoiévski e Nietzsche no sentido de fazer um diagnóstico do homem modelado pelo judaísmo cristianismo e sua possibilidade hermenêutica de superação de si. Para isto buscamos a comparação entre de *Memórias do Subsolo* e *Genealogia da Moral e O idiota* e *O Anticristo*. Feito o percurso encontramos na criança o além do homem, mais leve e autêntico na sua atuação diante da vida: talvez, um espírito livre.

## REFERÊNCIAS

- BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*. Tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges Beneditinos de Maredsous ( Bélgica). São Paulo: Editora Ave Maria, 2013.
- BITTENCOURT, Renato Nunes. *A Psicologia da Idiotia e Dostoiévski e Nietzsche*. Revista Digital AdVerbum 6 (1): Jan a Jul de 2011: pp. 103-120.
- BITTENCOURT, Renato Nunes. *A tipologia do ressentimento em Doitóiévski e Nietzsche*. Revista Húmus, v. 1, n. 2, 2011.
- BITTENCOURT, Renato Nunes. *As influências de Tolstói e de Dostoiévski na análise nietzschiana sobre a gênese da experiência crística*. Itaca, n. 15, 2010.
- BITTENCOURT, Renato Nunes. *Das profundezas do ressentimento ao sublime amor crístico: Dostoiévski e Nietzsche*. Itaca, n. 21, 2012.
- BITTENCOURT, Renato Nunes. *Espinosa, Nietzsche e a denúncia da moral teológica como distorção axiológica das disposições afirmativas da autêntica práxis crística*. Trilhas Filosóficas, v. 3, n. 1, 2010.
- BITTENCOURT, Renato Nunes. *Nietzsche e a intuição psicológica como método para a compreensão da tipologia existencial da personalidade de Jesus*. Revista Filosofia Capital- ISSN 1982-6613, v. 8, n. 15, p. 86-96, 2013.
- BITTENCOURT, Renato Nunes. *Nietzsche e sua compreensão extra-moral da experiência originária da beatitude evangélica de Jesus*. Revista Dissertatio de Filosofia, v. 34, p. 447-468, 2011.
- BITTENCOURT, Renato Nunes. *Nietzsche e a Psicologia do Redentor*. Revista Filosofia Capital- ISSN 1982-6613, v. 7, n. 14, p. 57-71, 2011.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Correspondências (1838-1880)*. Trad. de Robertson Frizero. Porto Alegre: Inverso, 2009.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Crime e Castigo*. Editorial Presença, 2011.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Gente pobre*. Fiódor Dostoiévski, 2015.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do subsolo*. São Paulo: editora 34, 2017.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora, v. 34, 2002.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os Demônios*. Trad. Paulo Bezerra, São Paulo: Editora, v. 34, 2004.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os irmãos Karamázov*. Ed. 34, 2008.
- FOGEL, Gilvan. “O homem doente do homem. A colocação de um problema a partir de F. Nietzsche e F. Dostoiévski” In: Vânia Dutra de Azeredo (org.) Encontros Nietzsche. Ijuí: Ed.Unijuí, 2003, p. 51-70.
- GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. *Labirintos da alma – Nietzsche e a auto-supressão da Moral*. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.
- GIACÓIA JR, O. *Nietzsche*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. *Nietzsche como Psicólogo*. Vale do Rio dos Sinos: Ed. Unisinos, 2001.
- MARTON, scarlett *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. Editora Brasiliense: São Paulo, 1990.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Segunda Consideração Intempestiva: Da utilidade e desvantagem*

- da história para a vida*. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm; DE MORAES BARROS, Fernando. *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*. hedra, 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do bem e do mal: Prelúdio a uma filosofia do Futuro*. Editora Companhia das Letras, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Editora Companhia das Letras, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Editora Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar com o martelo*. Editora Companhia das Letras, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Escritos sobre história*. Edições Loyola, 2005
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia de bolso, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O anticristo e ditirambos de Dionísio*. Editora Companhia das Letras, 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O nascimento da tragédia no espírito da música*. São Paulo: Abril, 1978.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm DE SOUZA, Paulo César. *A Gaia Ciência*. Editora Companhia das Letras, 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm; GIACÓIA, Oswald. *Fragments póstumos*. IFCH/UNICAMP, 1996.
- PASCHOAL, A. E. *Memória e esquecimento em Nietzsche*. In: Falando de Nietzsche – Org. Vânia Dutra de Azeredo. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.
- PASCHOAL, A. *Vestígios de Dostoiévski na correspondência de Nietzsche*. Estudos Nietzsche, v. 6, n. 2, 2016.
- PASCHOAL, A. *A superação do ressentimento na filosofia de Nietzsche*. Estudos Nietzsche, 2012.
- PASCHOAL, A. *Dostoiévski e Nietzsche: anotações em torno do "homem do ressentimento"*. Estudos Nietzsche, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 181-198, jan./jun. 2010.
- RENAN, Ernest. *Vida de Jesus*. Trad. de Eduardo Augusto Salgado. Porto: Livraria Chardron, Lello & Irmão, 1915.
- SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012.
- SENA, Allan Davy Santos. *O Jesus de Nietzsche e o príncipe Míchkin de Dostoiévski*. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche, v. 3, n. 1, p. 21-40, 2010.
- SOUZA, Cláudia Franco. *Dostoiévski, Nietzsche e Freud e o mal-estar na consciência*. Actas das Jornadas de Jovens Investigadores de Filosofia–, p. 39.
- STEGMAIER, Werner. *As Linhas Fundamentais do Pensamento de Nietzsche*. Editora Vozes, 2013.
- STELLINO, Paolo. *El descubrimiento de Dostoiévski por parte de Nietzsche*. Contrastes. Revista Internacional de Filosofía, v. 13, 2007.
- STENDHAL. *O Vermelho e o Negro*. Editora Nova Cultural Ltda: São Paulo, 2002.
- TOLSTÓI, Leon. *O Reino de Deus está em vós*. Trad. de Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1994.
- TOLSTÓI, Liev. *Minha Religião*. Trad. De Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: A Girafa, 2011.
- VIANA, Nildo. *Nietzsche, Vontade de Potência e Irracionalismo*. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 20, n. 9/10, p. 569-589, set./out. 2010.
- VIENSENTEINER, Jorge Luiz. *Experimento e Vivência: a dimensão da vida como pathos*. Campinas, 2009.
- WELLHAUSEN, Julius. *Prolegomena to the history of ancient Israel*. Encyclopaedia Britannica, 1885

## NOTAS

- 1 O método genealógico rompe com uma concepção de história que pretendesse buscar a origem dos fatos, como se neste lugar da causa primeira estivesse o ancoradouro no qual pudéssemos aderir e ter paz porque desvelamos a verdade por trás das coisas. O método é de interpretação perspectivística, sempre em disputa com outras perspectivas, nunca uma

narrativa que expusesse fidedignamente o acontecido enquanto tal porque conseguiu descrever de uma vez por todas o fenômeno histórico. Este esforço do erudito, dominado por uma vontade de verdade, é ingênuo, pois esta terra firme das certezas é impossível e impróprio à vida. Nelson José Batista da Silva em sua dissertação intitulada, *Memória, esquecimento e criação em Nietzsche*, elucida sobre como o método genealógico não se perde em uma história concatenadamente organizada, ao contrário, procura nos escombros os elementos caóticos, díspares, irregulares. Pois, a vida não é essa previsibilidade indubitável, formalmente coesa, a vida escapa, percorre outros domínios, retorna a alguma regularidade. Da Silva cita na página 7: “Fazer a genealogia dos valores, da moral, do ascetismo, do conhecimento não será, portanto, partir em busca de sua origem, negligenciando como inacessíveis todos os episódios da história: será, ao contrário, se demorar nas meticulosidades e nos acasos dos começos (...). O genealogista precisa da história para conjurar a quimera da origem (...).” (FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*, 1989, p. 19.) Não há essência das coisas, os valores morais foram construídos historicamente, o genealogista busca os sedimentos capazes de mostrar como os valores foram elaborados. A História, a essência, a verdade, as religiões, a culpa, não são categorias ontológicas nas quais uma investigação séria conduziria ao sentido exato do que é, são valores morais impostos ao homem de rebanho. Portanto, a *Genealogia da Moral* não é um livro de História, no sentido Positivista ou no sentido mais tradicional do termo, no qual bastaria identificar, factualmente, os acontecimentos na marcha dos séculos; se não há essência por trás das coisas, mas valores, a *Genealogia da Moral* é uma crítica aos valores, que cria outros valores. Na página 16, Da Silva aborda: “(...) ao analisarmos aquilo que foi escrito sobre nosso passado, não encontramos nas coisas um segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas.” (FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*, p. 18.) A crítica ao valor dos valores morais é um ataque severo a toda tentativa de minar a vida, Nietzsche elucida: “Enunciemo-la, esta *nova exigência*: necessitamos de uma *crítica* dos valores morais, o *próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão* – para isso é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram (moral como consequência, como sintoma, máscara, tartufice, doença, mal-entendido; mas também moral como causa, medicamento, estimulante, inibição, veneno), um conhecimento tal como até hoje nunca existiu nem foi desejado”. (GM, Prólogo 6)

- 2 GM I, 14
- 3 GM 2, 11
- 4 AC 52
- 5 GM I, 10
- 6 GM II, 16
- 7 GM I 10
- 8 GM III, 13
- 9 GM II 1
- 10 GM II, 1
- 11 BM 57.
- 12 AC 32